

"Se a castração atinge a estrutura como real, há efeitos no mal-estar e na alteridade"

Iaci Torres Pádua
Práxis Lacaniana/Formação em Escola

Gostaria de agradecer aos colegas, que se deram ao trabalho de organização para nos reunir em torno de questões que nos chamam e nos movem. O enorme trabalho que se tem a fazer para realizar um Colóquio Internacional de Convergência vale a pena. Vale, por exemplo, quando temos acesso a um argumento como o deste ano, Paris 2025, que nos impulsiona ao trabalho e à força necessária para produzir.

A psicanálise segue. Escutei de Norberto Ferreyra, no sábado, 26 de abril deste ano, no Colóquio da Fundação do Campo Lacaniano, algo que me relançava ao trabalho que estava preparando para trazer neste momento.

Os colegas da Fundação trabalhavam sob o tema: "Que destino é possível para a psicanálise?" Na discussão sobre o futuro da psicanálise, fui tocada pelo que Norberto disse em tom firme: o futuro é hoje, agora.

O argumento desse Colóquio em Paris 2025 também me convoca, por confirmar o "agora", por manter a psicanálise em seu eixo interrogante a respeito de sua existência: "Há psicanálise?", no que remete imediatamente a outra pergunta fundamental: "Há sujeito?".

O processo da falha na prática da estrutura em que o sujeito não é senão efeito sustenta a prática dessa estrutura, movida pelo ser do pensamento no processo de tentar a conciliação do pensamento consigo mesmo, o que nos conduz, como diz Lacan, a termos uma prudência maior diante do desafio formulado pela verdade ao real.

Coisas como a que nos deparamos e que está bem situada, aí mesmo, por Lacan. Não há harmonia, "não há união do homem com a mulher sem que a castração determine a título de fantasma a realidade do parceiro onde ela é impossível e sem que a castração, entre em jogo nessa espécie de receptação que a instaura como verdade no parceiro". (Pág.12, Sem. "*de um Outro ao outro*").

Neste ponto, por que Lacan nos diz que é imprescindível caminhar com o sujeito do discurso da ciência moderna? Porque é esse o sujeito que nos interessa com seus saberes, não desprovidos de valor nem de eficácia.

Esse sujeito podemos situá-lo como próximo do "*il pleut*", como nos mostra nossa gramática, um sujeito que inexistente. Ele constitui significações.

Significações que o deixam mais à vontade. É a chuva como meteoro. Significantes que operam, e esse *il*, esse *hilo*, esse fio, esse sujeito traz seu tempo de detenção, com certezas e não verdades, no sentido dependente do discurso que o ampara e o posiciona.

Esses giros que Lacan nos mostra logo no início do Seminário 16 são os de insistir na essência do discurso psicanalítico, ou seja, na função do discurso. Neste ponto, entendo essa essência como castração em relação à estrutura.

O argumento do Colóquio de Paris-2025 traz algo que toca diretamente nesse ponto. Toca nesse real, no real da estrutura. O que chamamos de castração? O que chamamos de alteridade? Como incidem sobre o mal-estar que vivemos hoje?

Trata-se da psicanálise e do fato de que ela só pode lidar com o mal-estar para se situar como sintoma de nossa época, como diz Lacan neste Seminário.

Como diz o argumento: assim como um bebê espera que sua mãe o alivie das pulsões que o agitam, as crianças esperam amor e reconhecimento de seus pais para que possam canalizar suas pulsões; os adolescentes, os jovens, esperam que aqueles do outro sexo lhes permitam sustentar suas identificações sexuais e compartilhar as sublimações; os adultos esperam reconhecimento no trabalho e no seio da família. Estamos sempre esperando que os outros nos aliviem da insatisfação irreduzível de nosso desejo.

Quando esse outro-Outro deixa de ter a consistência que tensiona o sujeito? Consistência que o sujeito confunde em seu desejo, não o tomando como a própria falta que o produz. Como fazer frente a essa ambiguidade?

É pela repetição, pela via do sujeito suposto saber, que se pode chegar a articular a falta à perda, à parte perdida de si mesmo. Há a necessidade lógica da queda do sujeito suposto saber, sujeito suposto saber logicamente necessário que se constitua na análise.

Sua queda no tempo necessário pode vir por uma contingência que apresente o sujeito entre o dizer e o dito.

Pelos passos de Freud e Lacan, a via para que estas expectativas dêem seu ar, com um novo funcionamento de enlace diante da insatisfação irreduzível do desejo, está na dependência de um outro desejo: o desejo ao nível do desejo do analista.

Isso pelo discurso do analista, que sustenta esse desejo, esse radicalmente novo.

Para isso, é preciso articular a renúncia ao gozo, que evidencia a função do mais-de-gozar, que Lacan toma como essência para a interrogação da causa do desejo.

Uma função que tem seu ponto de partida em decorrência do discurso constituído na análise pela regra fundamental que Freud instaura: fale o que lhe vier à cabeça, sem julgar.

O que também surpreende.

Com essa regra, o sujeito se suspende de sua fala, uma fala a ser articulada e que não é poesia, e que o leva ao discurso do inconsciente.

Nesse Seminário, Lacan toma Marx a partir de sua economia política. Marx é um sujeito de seu tempo e, a partir do sintoma que o surpreende pelo real de seu tempo na história, toma algo que coincide com a forma como Freud toma o sintoma na psicanálise.

Como diz Lacan, Marx está como ser do pensamento no ponto que determina a predominância do mercado de trabalho que o causa e, como causa de seu pensamento e em busca da causa de seu discurso, destaca, nomeia uma função, efeito do discurso capitalista, efeito no sujeito, a função nomeada por ele de mais-valia, que Lacan diz também ser um objeto *a*.

Marx também está afetado por esse real que o cerca.

Como atravessar na análise essas diferentes articulações de renúncia ao gozo?

Como reduzir ao mais-de-gozar essas diferentes relações do desejo e do gozo em que esse pequeno *a* essa invenção lacaniana, possa se apresentar como termo do fantasma na subjetivação do sujeito?

2025 é o ano em que estamos vivendo, e é estarrecedor que, como diz Lacan, ainda, mais ainda, a mais-valia incida em um enlace abusivo, não tomado a sério, todavia detectado desde 1867.

É logicamente necessário que a psicanálise, com a força da radicalidade de Freud e da retomada de Lacan em seus passos, tenha seu lugar de sintoma em nossos tempos.